

Convocamos experiências de pesquisa e ação desde/sobre os corpos focadas na construção de estratégias de re-existência, cuidados e “bem viver” (Acosta, 2015) na aposta por gerar “uma vida boa dentro de uma vida ruim” (BUTLER, 2012) em tempos de opressão. Nos ocupam vivências vinculares/comunitárias de corporalidades dissidentes como alternativas para experimentar e refazer o mundo: corpos lidos como abjetos ou invisíveis, mas que se fortalecem como corpos expandidos, enredados, auto-reconhecidos, reconstruídos a partir de práticas, contextos e redes dignificantes. Desde a intersecção entre estudos da corporalidade-*performance* com práticas militantes de *advocacy* em direitos humanos, reivindicamos o lugar corpóreo de fala de sujeitos re-existentes como forma de empoderamento e luta. Chamamos a compartilhar a semente de um trabalho criativo, produtivo e dignificante desde a potência dos territórios-corpo: (auto)cuidados em saúde, espaços de relação entre humanos e não humanos, maternagens dissidentes, uso de psicoativos, experiências de arte/*performance*, vivências desde o sistema carcerário/situação de rua, saberes/fazer desde assentamentos/terras indígenas/quilombolas e outras margens. Pretendemos fortalecer agendas corporificadas em direitos humanos promovendo a emergência de relatos, *performances* e práticas de reexistência como evidências construídas desde uma ciência crítica, oposta ao discurso epistemicida das intolerâncias e pós-verdades.